

**ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: REFLEXÃO ACERCA DO
USO DAS FORMAS PRONOMINAIS *EU* E *MIM* NO PORTU-
GUÊS FALADO EM DOURADOS, SOB O VIÉS DOS ESTUDOS
SOCIOLINGUÍSTICOS**

Elza Sabino da Silva Bueno (UEMS)

elza@uems.br

Neide Araújo Castilho Teno (UEMS)

cteno@uol.com.br

Sandra Espíndola (UEMS)

sandraesp@uems.br

RESUMO

O presente trabalho se propõe a analisar o uso dos pronomes pessoais *eu* e *mim*, na função de sujeito e suas variantes “para eu” e “para mim”, além de possíveis desvios linguísticos referentes a esse uso na fala de informantes da região de Dourados-MS. Para a constituição do *corpus* da pesquisa foram realizadas entrevistas com doze falantes, sendo seis do sexo masculino e seis do sexo feminino com idades variáveis, contemplando as faixas etárias de 18 a 23, 24 a 30 e acima de 31 anos, além do nível de escolaridade em não graduado e graduado, para traçar o perfil e o falar espontâneo dessas pessoas, no sentido de verificar quais fatores linguísticos e extralinguísticos podem interferir no uso desse fenômeno linguístico no momento da conversação, Marcuschi (2008), uma vez que sabemos que a fala é espontânea, natural, Labov (2008) e que ao falar não obedecemos a certas normas gramaticais, muito pelo contrário, nos afastamos delas, Bagno (2012), dependendo da situação em que nos encontramos na interação face a face, Marcuschi (2006). A metodologia utilizada foi a da sociolinguística variacionista, Labov (2008) que entende a variação como um fenômeno inerente a todas as línguas vivas e em processo de transformação. Os resultados obtidos confirmam que, ao falar, as mulheres cometem menos desvios que os homens, uma vez que elas tendem a cuidar mais da sua fala, fato corroborado pelos estudos de Mollica e Braga (2015), Paiva (2015), Bueno (2003) e outros. Assim, diante dos resultados elencados, é possível inferir que o ensino contribui satisfatoriamente para que o falante cometa menos desvios linguísticos no uso de “para eu” e “para mim” e no emprego dos pronomes pessoais *eu* e *mim*, na função de sujeito, no português falado em Dourados-MS, fato que mostra que a escola tem cumprindo o seu papel de agente de letramento (SOARES, 2017).

Palavras-chave:

Variação linguística. Variação social.

Formas pronominais do português brasileiro.

1. Introdução

O presente estudo parte da observação do uso cotidiano da língua portuguesa falada por informantes da região de Dourados, Mato Grosso

do Sul, visando detectar a utilização das formas pronominais pessoais *eu* e *mim* e os possíveis desvios linguísticos nas variantes “*para eu*” e “*para mim*” na função de sujeito no falar espontâneo desses falantes, principalmente em relação ao falante ingressante e/ou concludente em/de cursos superiores, uma vez que se exige de jovens egressos e de trabalhadores, de modo geral, uma forma de falar o mais próximo possível da modalidade padrão da língua, pois estes jovens ao saírem dos bancos universitários pleitearão uma vaga em um mercado de trabalho bastante exigente com relação aos padrões linguísticos de uso da língua em situações reais de interação verbal.

Pretende-se, ainda, verificar até que ponto os falantes selecionados se prendem às regras gramáticas, prescritas pelas gramáticas normativas, com relação ao uso do fenômeno linguístico em estudo, ou se desviam delas em seus atos espontâneos de fala, uma vez que todos se comunicam, porém nem sempre fazem uso da norma padrão estabelecida pelas gramáticas. Para a concretização desses objetivos, foram realizadas entrevistas *in loco* com universitários e com pessoas que já concluíram o ensino superior e disputam ou disputaram uma vaga no mercado de trabalho, totalizando doze informantes, sendo seis homens e seis mulheres, com nível de escolaridade variando entre não graduado e graduado e faixas etárias distintas, contemplando faixas entre 18 a 23, 24 a 30 e pessoas com idade acima de 31 anos, com vistas a traçar o perfil e o falar espontâneo desses sujeitos.

Como embasamento teórico, foram seguidos os preceitos de estudiosos da língua e dos estudos de linguagem como: Cegalla (2005), Mollica e Braga (2015), Bechara (2007), Bueno (2003), Simka (2001), Infanti (1997), Labov (2008/1983), Marcuschi (2008/2006) e outros de significativa importância para a pesquisa, com relação ao uso das formas pronominais “*para eu*” e “*para mim*” na função de sujeito.

Partindo desse cenário dos estudos sociolinguísticos, e por meio das análises dos dados coletados do *corpus* de pesquisa, verifica-se a frequência de uso e os contextos linguísticos em que ocorrem os referidos desvios na fala dos informantes, além de sua relevância para o processo de ensino e aprendizagem de língua.

Para o desenvolvimento do estudo foram realizadas leituras e fichamentos de obras sobre a posição de estudiosos a respeito do assunto tratado, preenchimento e triagem de fichas sociais dos informantes que atenderam aos requisitos exigidos na pesquisa, entrevistas com os informantes selecionados, em que se coletou os dados indispensáveis à reali-

zação do estudo, para analisar o uso dos pronomes *eu* e *mim* e suas variantes “*para eu*” e “*para mim*” na função de sujeito. Da análise dos dados geraram-se percentuais de uso de “*para eu*” e “*para mim*” no português falado pelos falantes da região de Dourados-MS que são apresentados em forma de gráficos, quadros e tabelas para uma melhor visualização dos referidos percentuais.

Para melhor organização, o estudo divide-se em três partes distintas. A primeira trata da fundamentação teórica que consiste na posição de gramáticos e estudiosos da linguagem sobre as variáveis em questão. A segunda parte descreve a metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa, passando pelo perfil dos informantes que constituíram o *corpus* do estudo, isto é, o material linguístico que serviu de suporte para as análises, além de descrever as variáveis sociais sexo, idade e escolaridade do falante e sua relevância para o uso das referidas formas pronominais em estudo, a saber: *eu* e *mim* e suas variantes “*para eu*” e “*para mim*”.

A terceira parte da pesquisa consiste na análise dos dados e discussão dos resultados com relação às variáveis linguísticas e sociais testadas, em que se apresentam os percentuais de uso dos dados estatísticos por meio de gráficos, quadros e tabelas. Ao final descrevem-se as conclusões e relaciona-se o referencial bibliográfico que serviu de suporte para o estudo. Lembrando que nessa pesquisa sobre o uso de “*para eu*” e “*para mim*”, em contexto linguísticos precedidos de verbo na forma infinitiva como “esse livro é para eu ler” ou “esse livro é para mim ler”, pretende-se mostrar um exemplo da força da modalidade popular da língua falada na região de Dourados em detrimento da modalidade padrão da língua portuguesa em uso pela comunidade de fala²⁸ alvo da pesquisa.

2. Aporte teórico utilizado na pesquisa

Desde cedo, o ser humano é conduzido ao aprendizado da leitura, da escrita e se adapta às mais variadas situações cotidianas que exigem o uso da língua seja na sua modalidade padrão ou popular, oral ou escrita.

²⁸ Labov (1972) afirma que uma comunidade de fala é aquela que compartilha normas e ‘atitudes’ sociais perante uma língua ou variedade linguística. Para Labov a comunidade de fala não é definida por nenhum acordo marcado quanto ao uso dos elementos da língua, mas pela participação em um conjunto de normas compartilhadas. Essas podem ser observadas em tipos claros de comportamentos avaliativos, e pela uniformidade de seus termos abstratos de variação, que são invariáveis com relação aos níveis particulares de uso (LABOV, 1972, p. 120-121).

Assim, parte de nossa vida é dedicada aos estudos, para conhecimento do mundo ao nosso entorno, dos costumes culturais, lingüísticos e sociais da comunidade de falantes à qual o sujeito está inserido. Tudo isso nos leva a refletir sobre a língua e como usá-la, nos diferentes contextos de uso e nas mais diversas situações de comunicação, principalmente na interação face a face (MARCUSCHI, 2006).

Diante do exposto, é importante lembrar que, mesmo estudando toda uma vida, ainda não se sabe tudo sobre o sistema lingüístico de nossa língua e sempre há o que aprender, pois a língua é viva, passou e continua passando por um contínuo processo de evolução e mudança lingüística no tempo e no espaço. Ela muda de uma região para outra, para atender às necessidades do homem, muda inclusive com o próprio falante, para auxiliá-lo no processo da interação verbal (BUENO, 2003).

Também se sabe que ao passo em que um indivíduo aprimora seus estudos, adquire mais capacidade de compreensão e inclusão no meio social em que vive. Veja o posicionamento de Monteiro (2000, p. 111) sobre esse assunto ao relatar que “A variação no comportamento lingüístico em si mesmo não exerce uma decisiva influência no desenvolvimento social nem afeta as oportunidades de vida do indivíduo. De modo oposto, a forma de comportamento lingüístico muda rapidamente quando muda a posição social do falante”.

Os falantes distinguem-se uns dos outros pelas influências do meio social em que vivem, da posição social que exercem, do grau de escolaridade, entre outros fatores sociais importantes que afetam o seu comportamento lingüístico. Neste caso, nota-se que um falante sozinho não muda a sociedade, porém a sociedade é capaz de mudar o comportamento lingüístico desse falante. Verifica-se, como Labov (1983), que é necessário notar as análises no contexto em que a língua é usada e demonstrar os elementos da estrutura lingüística implicados na variação refletida, tanto na mudança do tempo como nos processos sociais que podem, de certa forma, auxiliar na utilização de um determinado fenômeno lingüístico em detrimento de outro, ou seja, na alternância de uso dos pronomes pessoais aqui trabalhados diante de preposições e da forma verbal no infinitivo em que eles aparecem nos discursos dos sujeitos da pesquisa.

Como se vê, a mudança ocorre em função de pressões sociais que podem ser observadas e descritas, inclusive, por meio da fala dos indivíduos que não têm o poder de influenciar os padrões sociais, mas que podem ser afetados por estes, conforme o papel que o sujeito exerce na so-

cidade. Sendo assim, a variável sexo pode ser uma influenciadora de padrão de comportamento linguístico, pois a sociedade espera um comportamento X das mulheres diante de uma dada situação. A faixa etária do falante também é um fator de influência, já que há acentuadas mudanças de uma geração para outra. A variável nível de escolaridade do falante também pode influenciar o seu padrão de comportamento, pois a sociedade espera das pessoas letradas comportamento distintos daquelas não letradas.

Nesse processo de evolução, seja linguística ou social, cabe à sociolinguística e ao pesquisador sociolinguista o papel de verificar o que há de sistemático na língua e se a variação é importante para sua evolução histórico-cultural e linguística da língua e de uma dada comunidade de fala, porém tudo leva a crer que sim, uma vez que as ideias de William Labov e dos estudos variacionistas têm modificado atitudes de educadores acerca da própria concepção de linguagem, Monteiro (2000).

Apesar de a língua evoluir no tempo e se transformar no espaço para facilitar a comunicação, há alguns fenômenos linguísticos usados pelos falantes que merecem destaque e estudos, até mesmo para explicar a língua como um fenômeno complexo, segundo estudiosos como Labov (1983/2008), Faraco (2005), Bueno (2003), Bagno (2007), Tarallo (2007), Mollica e Braga (2015), Saussure (1989), Camacho (1998), Castilho (1989), e outros.

Partindo desse pressuposto, pode-se dizer que existem desvios linguísticos que podem ser usados no dia a dia, sem comprometer o processo da comunicação, pois, percebe-se que para o falante da língua, o relevante é a interação entre emissor e receptor, como as expressões “*para eu*” e “*para mim*”, por exemplo, usadas pelos falantes da língua portuguesa de forma diferente do que prescreve a gramática normativa, porque normalmente no processo de comunicação, falante pode estar desatento às regras gramaticais estabelecidas, uma vez que na fala elas não são tão obedecidas como na escrita, mas tem-se consciência de que se deve policiar, lembrando que, ao falar, o indivíduo não utiliza as normas da língua escrita, mas as regras de uso concreto da língua falada, pois do contrário não seria entendido e não entenderia o processo da comunicação linguística. E isso foi possível perceber entre os entrevistados quando estes empregaram as variantes estudadas de maneira informal. Veja o que diz Bagno (2007, p. 9), a respeito do assunto: “o preconceito linguístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada no curso da história,

entre a língua e a gramática normativa. Nossa tarefa mais urgente é desfazer essa confusão”.

Diante da posição dos estudiosos pesquisados pode-se dizer que o papel do linguista, de modo especial do sociolinguista, é desfazer tal confusão, mostrando os diferentes contextos de uso da língua e que, como organismo vivo, ela pode e deve acompanhar a evolução e variar com o indivíduo, acompanhando o nos diferentes contextos em que for empregada, de acordo com as necessidades reais de comunicação do falante.

Veja a posição de gramáticos e de estudiosos da língua com relação ao emprego, isto é, com relação ao uso das formas pronominais *eu* e *mim* e a variação em “*para eu*” e “*para mim*”, objeto desse estudo.

2.1. Posicionamento de gramáticos no que diz respeito às formas pronominais eu e mim em estudo

Verifica-se que o uso das formas pronominais em função de sujeito *eu* e *mim* tem expansão linguística e desdobramentos nas expressões “*para eu*” e “*para mim*” diante de preposições e de verbo na sua forma infinitiva, cujo uso pode causar algum tipo de confusão de acordo com o contexto linguístico em que é utilizada. Veja o que diz Infanti (1997) sobre o assunto:

Empresta teu caderno pra mim estudar? Podemos ter um pronome oblíquo como sujeito? Não, essa função é exclusiva dos pronomes pessoais retos. Portanto, a construção gramaticalmente correta é: empresta teu caderno pra eu estudar? Mas o que nos leva a usar o pronome oblíquo tônico *mim*? É que a teoria afirma que os pronomes retos nunca são precedidos de preposição; como temos um *pra* (para) na construção acima, deveríamos usar um pronome oblíquo regendo o pronome. (INFANTI, 1997, p. 199)

Como se sabe, não é possível consultar uma gramática todas as vezes que há dúvida sobre o emprego de determinado assunto ou de uma expressão linguística. Então, como assimilar essas regras? Talvez não seja fácil, mas também não é impossível, pois no decorrer dos estudos, o sujeito a todo momento tem aproximação clara do contexto cotidiano e do idioma falado pela comunidade de fala, à qual está inserido. Regras como essas são passadas para os alunos como uma matéria estabelecida na grade curricular das séries e dos cursos, mas como falantes e também como profissionais da língua, deve-se aprender e também trabalhar com as normas dessa língua, mas jamais ignorar o ato espontâneo de fala de

cada indivíduo em situações reais de comunicação linguística (LEMLE, 1978).

Uma vez que o assunto desse estudo é o desvio linguístico no uso dos pronomes pessoais *eu* e *mim* diante de preposição e sua variação em “*para eu*” e “*para mim*”, verifica-se que as regras preconizadas pelas gramáticas normativas dizem que antes de um verbo que esteja no infinitivo, isto é, de forma nominal do verbo que termine em “r” (comprar, fazer, pedir), deve-se usar o pronome pessoal do caso reto “eu”, que funciona como sujeito do verbo. Veja como Bechara (2007) se posiciona acerca do assunto:

O pronome pessoal reto funciona como sujeito e predicativo, enquanto o oblíquo como complemento. Entre os oblíquos, a forma átona vem desprovida de preposição, enquanto a tônica exige, no português moderno, esta partícula. Casos há, entretanto, em que esta norma pode ser contrariada. Assim é que pode ocorrer a forma reta pela oblíqua: em coordenações de pronomes ou com um substantivo introduzido pela preposição entre: entre eu e tu (por entre mim e ti); entre eu e o aluno, entre José e eu. Já há concessões de alguns gramáticos quando o pronome eu ou tu vem em segundo lugar: Entre mim e ti. Entre o José e eu. Um exemplo como Entre José e mim dificilmente sairia hoje da pena de um escritor moderno. (BECHARA, 2007, p.173)

Sobre os pronomes, Cegalla (2005) tem posição semelhante à de Bechara, ao ressaltar que:

Pronomes pessoais são palavras que substituem os substantivos e apresentam as pessoas do discurso- 1ª pessoa: a que fala; 2ª pessoa: a com quem se fala; 3ª pessoa: a pessoa ou coisa de que se fala. Os pronomes pessoais dividem-se em retos e oblíquos: pronomes retos: funcionam, em regra, como sujeito da oração. Oblíquos: funcionam como objetos ou complementos. (CEGALLA, 2005, p. 180)

De forma prática e de acordo com o uso concreto da língua, em situações reais de comunicação, tomando por base as regras descritas, Simka (2001) tece comentários a respeito das expressões “*para eu*” e “*para mim*” de uso comum na língua portuguesa falada no Brasil. A seguir relacionam-se alguns exemplos selecionados de sua obra sobre o emprego do pronome reto em estudo.

[^] A professora de literatura deu um livro chato *para eu ler* (sujeito do verbo “eu”, verbo no infinitivo “ler”).

Quando, porém, não houver formas verbais no infinitivo, emprega-se o pronome oblíquo “*mim*”.

- ▲ A professora de literatura deu um livro chato *para mim*. (preposição “para”, pronome oblíquo (complemento de o verbo dar) “mim”).
- ▲ Este é um problema *para “eu”* resolver? (porque há um verbo no infinitivo “resolver”)
- ▲ Tem certeza de que é um problema *para “mim”*? (porque não há verbo no infinitivo e há, ainda, a preposição “para”).

Mas as regras não param por aí, existem algumas exceções, pois segundo Simka (2001), com relação ao uso dos referidos pronomes pessoais, há que observar alguns detalhes simples, porém importantes, como se verifica no exemplo a seguir:

- ▲ Foi fácil *para mim* resolver aqueles exercícios.

Pelo que ditam as regras, emprega-se sem sombra de dúvida o pronome *eu*, pois na frase existe um verbo no infinitivo que é a forma verbal (resolver). No entanto, obedecendo às normas gramaticais, deve-se empregar o *mim*, pois, neste caso, o pronome não está se referindo ao verbo resolver, mas é complemento do adjetivo fácil. Observe como fica a frase na ordem direta:

- ▲ Resolver aqueles exercícios foi fácil *para mim*. Caso utilizássemos o pronome *eu* no lugar de *mim*, teríamos a seguinte construção.
- ▲ Resolver aqueles exercícios foi fácil “*para eu*”. Observe que, neste caso, a frase ficaria, agramatical.

Veja algumas exceções no uso dessa variável linguística em estudo.

- ▲ Entre eu e ela não existe nada, apenas amizade. Nunca houve entre eu e a Zinha motivos de desconfiança.

Podemos dizer assim como Simka (2001, p. 112) que tais frases estão gramaticalmente incorretas, porque após preposições (entre, de, para, sem) se deve utilizar o pronome *eu* na forma oblíqua, ou seja, *mim*, assim, “entre mim e ela não existe nada, apenas amizade ou nunca houve entre mim e a Zinha motivos de desconfiança”. Pode parecer estranho, mas é o que preceitua a norma gramatical, com generalização enganosa, fazendo com que se tenha uma visão equivocada das regras e do uso da língua em situações específicas.

Mesmo com tantas regras não é possível obedecer a todas ao falar, pois a fala é algo concreto e a utilizamos durante o processo de comuni-

cação para entender e nos fazer entender pelo nosso interlocutor, uma vez que, “o domínio completo da língua materna é um processo constante, inacabado, que se origina do intercâmbio com os outros membros da comunidade”, Camacho (1998, p. 32). Até agora se observa que as normas existem e estão postas para serem usadas, e que em relação ao uso das formas pronominais pessoais *eu* e *mim* nas expressões “*para eu*” e “*para mim*”, as gramáticas ditam regras, mas não dão embasamento teórico aprofundado que possa orientar e suprir as possíveis dúvidas, no momento da comunicação face a face (MARCUSCHI, 2006).

Assim, pode-se inferir que cabe ao professor de língua portuguesa esse complexo desafio que é o processo de ensino e aprendizagem de língua, pois ao escrever cumprem-se essas regras, mas a fala é espontânea, dinâmica e varia a maneira de falar, de acordo com o contexto e com a situação de comunicação. Portanto, devem-se trabalhar essas regras de modo prático e acessível a todos os falantes, interagindo com cada um, respeitando sua origem, sua classe social, entre outros fatores a serem observados no processo da comunicação verbal.

Nesse sentido, é necessário levar em consideração também que dentre os fatores citados acima, há pelo menos um pelo qual podemos facilmente nos deparar no decurso de nossa profissão, que são as diferenças de idades em salas de aula, por exemplo. Pois é sabido de todos que em salas está concentrada uma enorme diversidade de falantes, no que se diz respeito à idade, lembrando que as diferenças sejam no sexo, na idade, no nível de escolaridade, podem determinar variações e o próprio comportamento linguístico do falante, mas não se pode perder de vista que todos falamos o mesmo código linguístico, isto é, a língua portuguesa do Brasil. Diante disso, vejamos como Monteiro (2000) se expressa a esse respeito.

Com efeito, qualquer um de nós é capaz de perceber que a língua está sujeita não só a variações, mas também a mudanças. Uma pessoa idosa não deixa de sentir que diversos fatos linguísticos que existiam em sua juventude desapareceram ou se transformaram. Inversamente, um jovem pode constatar que certos traços presentes em seu modo de falar são evitados pelos mais velhos. E tudo isto se sente como parte de um quadro mais amplo de modificação dos padrões sociais. Ou seja, a mudança linguística parece acompanhar de perto a evolução da própria sociedade. (MONTEIRO, 2000, p. 109)

No decorrer desse estudo, há desvios linguísticos e pessoas que os repudiaram, principalmente gramático, por achar que o falar “correto” é aquele posto nas normas gramaticais, no entanto, há a conscientização de que cada falante se expressa conforme o meio social em que vive, Casti-

lho (1989, p. 54), tem uma visão diferente sobre o assunto, ao ressaltar que: “na verdade, não há português certo ou português errado e, sim, modalidades de prestígio e modalidades desprestigiadas, cada qual correspondendo ao meio em que se acha o falante”, e o Brasil sendo um país rico em diversidade, cultural, racial, gastronômica, nos costumes, na literatura e também na linguística, apresenta formas distintas de fala de região para região e até em uma mesma comunidade de fala ou em um mesmo indivíduo, como salienta Bagno (2007):

É preciso, portanto, que a escola e todas as demais instituições voltadas para a educação e a cultura abandonem esse mito da “unidade” do português no Brasil e passem a reconhecer a verdadeira diversidade linguística de nosso país para melhor planejarem suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes das variedades não padrão. (BAGNO, 2007, p. 18)

Nesse sentido, pode-se inferir que a língua varia no tempo e se transforma no espaço para atender às necessidades dos falantes, acrescentando que não mudamos nossa maneira de falar apenas pelo prazer de variá-la, Bueno (2003), mas porque os costumes mudam, as sociedades mudam e tais mudanças são necessárias para nomear os novos objetos e atender aos avanços tecnológicos. Veja as palavras de Bagno (2007) sobre o assunto:

O que aconteceu, ao longo do tempo, foi uma inversão da realidade histórica. As gramáticas foram escritas precisamente para descrever e fixar como “regras” e “padrões” as manifestações linguísticas usadas espontaneamente pelos escritores considerados dignos de admiração, modelos a ser imitados. Ou seja, a gramática normativa é decorrência da língua é subordinada a ela, dependente dela. [...] A língua passou a ser subordinada e dependente da gramática. O que não está na gramática normativa “não é português”. (BAGNO, 2007, p. 64)

A língua falada não está nas gramáticas normativas, uma vez que o falante se comunica, compreende e é compreendido de maneira simples. Todavia, quando profere algo que não está nas normas, não está falando “errado”, e sim diferente, e “falar diferente não é falar errado”, Amaral (1976), apenas comete desvios linguísticos que, de maneira adequada, podem ser sanados pelos falantes, com base no conhecimento do sistema linguístico em uso na língua materna, no conhecimento de mundo e no conhecimento partilhado entre os demais falantes da língua, nos diferentes contextos linguísticos de uso da língua. Assim, pode-se dizer que obedecendo às normas gramaticais ou não, os falantes comunicam, pois na língua existe “diversas maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade” (TARALLO, 2007, p. 8).

Ao iniciar uma pesquisa como esta, deve-se levar em consideração fatores linguísticos e sociais que podem influenciar a maneira de falar de cada indivíduo. Veja as palavras de Mollica e Braga (2015, p. 28) sobre o assunto: “Segundo o modelo variacionista, a língua é um objeto heterogêneo, devidamente ordenado, em constante processo de mudança, determinada por fatores linguísticos e extralinguísticos. Essas mudanças, contudo, não ocorrem ao acaso, sendo tarefa do linguista determinar a forma como estão associadas no sistema” de uso da língua em situações reais de comunicação.

De acordo com Mollica e Braga (2015), a língua muda no tempo e no espaço e essa mudança é determinada por fatores linguísticos e sociais como: o sexo do falante, a sua idade, o seu nível de escolaridade, sua profissão, entre outras variáveis que podem auxiliar ou influenciar sobremaneira o processo da comunicação.

Por compartilhar das ideias e concepções de Mollica e Braga (2015), foi possível, neste estudo, testar variáveis externas à língua que podem determinar o uso de um fenômeno linguístico em detrimento de outro. Assim, foram testadas as variáveis sociais: sexo, idade e nível de escolaridade dos falantes envolvidos na pesquisa com o objetivo de verificar se homens e mulheres variam a sua maneira de usar as expressões linguísticas estudadas. Se a idade do falante interfere nesse uso e se a fala do falante com mais escolaridade se aproxima dos padrões normativos da língua portuguesa, prescritos pelas gramáticas normativas.

3. Caminhos metodológicos do estudo

A metodologia utilizada para o desenvolvimento da presente pesquisa foi a da sociolinguística variacionista, ou teoria da variação linguística, que tem por precursor no americano William Labov (2008) que entende a variação como um fenômeno inerente a todas as línguas vivas e em processo de transformação.

Essa metodologia de pesquisa trabalha com os dados do ponto de vista qualitativo e quantitativo por analisar estatisticamente os dados linguísticos que comprovam os percentuais de uso dos fenômenos linguísticos em questão, em nosso caso especial, o uso das formas pronominais *eu* e *mim*, suas variantes “*para eu*” e “*para mim*” e sua importância na fala espontânea dos falantes selecionados, com escolaridade entre não graduado e graduado.

Nesse espaço do caminho metodológico, foi relacionado o perfil dos sujeitos da pesquisa, o *corpus* que serviu de suporte para a análise dos dados e as variáveis sociais envolvidas no estudo, a saber: sexo, faixa etária e nível de escolaridade do falante.

3.1. Perfil dos sujeitos selecionados para o estudo

Esse estudo atenta para as variáveis sexo, faixa etária e escolaridade do falante, já que os sujeitos estão inseridos em um curso superior ou são egressos e estão pleiteando vagas no mercado de trabalho. Essas variáveis são estudadas para nos orientar a verificar em que faixa etária, sexo e nível de escolaridade o falante comete desvios linguísticos ao usar as expressões linguísticas “*para eu*” e “*para mim*” no seu cotidiano, considerando que os graduados já estão inseridos ou procuram trabalho na área de estudo e, como a área de estudo é a licenciatura ou o bacharelado, exige-se desses sujeitos um falar muito próximo da modalidade padrão da língua portuguesa.

De acordo com Fischer (1958) *apud* Fonseca (1974), a forma de prestígio tende a predominar na fala feminina, variável esta cuja confirmação ou não será observada nesse estudo. Quanto ao fato de serem pesquisados apenas informantes universitários ou egressos de curso superior, vai ao encontro dos objetivos de analisar o grau de atenção que o falante tem ao se comunicar em sociedade, pois por estar cursando o nível superior, possui um conhecimento mais aprofundado da língua padrão e do sistema linguístico, além do conhecimento com relação às normas de uso da língua em situações reais de comunicação.

Para confirmação das hipóteses levantadas e dos objetivos traçados foram investigadas três variáveis sociais: sexo do falante, para verificar se homens e mulheres usam a língua de forma distinta e por que; faixa etária, para averiguar se há variação no uso da língua de acordo com a idade do falante e nível de escolaridade, em que se observa se o ensino formal pode influenciar no uso de menos desvios linguísticos ao falar. Essas variáveis foram traçadas e testadas para averiguar os possíveis desvios linguísticos na fala dos homens e mulheres investigados. Nossa atenção, quanto ao primeiro grupo está voltada àqueles que estão entrando e/ou saindo das universidades, pautando o fato de estarem envolvidos com o meio universitário. No segundo grupo, nos pautamos no fato de serem indivíduos que estão ingressando no mercado de trabalho, já voltados a concursos e seleções; com relação ao terceiro grupo, esse já está

inserido em uma vida profissional, já despreocupado com alguns fatores dos quais o primeiro e segundo grupos ainda têm que se preocupar que é o comportamento linguístico e a forma de falar de acordo com as exigências da profissão e o mais próximo possível dos padrões normativos da língua portuguesa.

A seguir apresenta-se um quadro com dados do perfil dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Quadro 1 – Perfil dos sujeitos da pesquisa.

Local	Sexo	Nível de escolaridade	Faixa etária
Uems	Feminino	Ensino Médio	18 -23
Uems	Feminino	Ensino Médio	18 -23
Uems	Feminino	Ensino Médio	24-30
Escola	Feminino	Ensino Superior	24-30
Escola	Feminino	Ensino Superior	31 em diante
Escola	Feminino	Ensino Superior	31 em diante
Uems	Masculino	Ensino Médio	18 -23
Uems	Masculino	Ensino Médio	18 -23
Uems	Masculino	Ensino Médio	24-30
Escola	Masculino	Ensino Superior	24-30
Escola	Masculino	Ensino Superior	31 em diante
Escola	Masculino	Ensino Superior	31 em diante
TOTAL			12

Fonte: Quadro elaborado pelas autoras.

3.2. O corpus da pesquisa

Para constituição do *corpus* dessa pesquisa, trabalhamos com a modalidade oral da linguagem de doze informantes, homens e mulheres, com idades variadas e nível de escolaridade distintos. Foi elaborado um roteiro, com base nos dados coletados nas fichas sociais dos informantes, que envolve perguntas como, brincadeiras preferidas na infância, travesuras, perigo de morte, ou seja, sobre fatos que leve o informante a pensar em acontecimentos de sua vida, deixando de lado a atenção ao modo como fala, sendo espontâneo com despreocupação às normas gramaticais em uso na língua, lembrando que este roteiro serviu de assunto para o monitoramento da conversação durante as entrevistas.

Para a gravação das entrevistas, primeiramente, foi preenchida uma ficha com os dados pessoais dos informantes e outras informações complementares que serviram de suporte para traçar o perfil dos falantes.

Quadro 2 – Modelo de ficha social do informante.

DADOS DO INFORMANTE		
Nome completo:		
Sexo:	Idade:	Unidade Escolar:
Onde reside atualmente:		
Grau de escolaridade:		
DADOS DA ENTREVISTA		
Local da entrevista:		
Data da entrevista:		
Nome do entrevistador/pesquisador:		
Observações:		

Fonte: Quadro elaborado pelas autoras.

As perguntas que compõem o roteiro das entrevistas versam sobre o cotidiano dos falantes, pois há pesquisas científicas que comprovam que ao entrevistar um falante, para trabalhar a sua maneira característica de falar, deve-se partir de assuntos corriqueiros que dizem respeito ao seu dia a dia, do contrário ele não deixa o seu lado emocional via à tona e o pesquisador sociolinguístico frustra-se e deixa de coletar a fala espontânea, que é o que realmente interessa aos estudos dessa natureza, ou seja, dos estudos sociolinguísticos variacionistas.

As entrevistas foram transcritas com base nas normas do Projeto NURC/SP²⁹, com adaptações para a linguagem popular falada. Essas normas sugerem que os dados sejam transcritos respeitando-se fielmente o modo de falar característico de cada falante.

²⁹ Projeto desenvolvido em cinco capitais do País com o objetivo de analisar o português padrão falado por informantes com nível universitário de escolaridade.

Quadro 3 – Normas para transcrição de entrevistas.

NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS		
OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLOS
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	num vortava mai num tinha dinheru () i a genti guentô
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	us mininu tâu aí... um trabaia de motoris otru (trabaia) pur conta
Trucamento de palavras	/	i quanu mesmu era PA nós ca/nóis da us nomi
Entonação enfática	Maiúscula	trabaiei aTÉ casá
Prolongamento de vogais e/ou consoantes	:: ou :::	u donu mesmu era::: isqueci u nomi deli...ah:::achu qui é antonhu
Silabação	- - -	a genti cresceu me-dron-ta-du dus pais
Interrogação	?	pu cê vê comu era u pessoar di antigo pra agora né?
Comentários do transcritor	((minúscula))	((risos))
Comentário que quebra a sequência da exposição do tema	- - -	a genti – noi somu crenti - - a genti si viu i gosto
Sobreposição de vozes ou entrada indevida		pra::: ficá lisinhu a pu chãu ficá.. [parei pareinhu pa prantá
OBSERVAÇÕES: 1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou siglas. 2. Números: transcrevem-se por extenso. 3. Não se usa ponto de exclamação. 4. Início de frase: usam-se letra minúscula. 5. Registram-se as pronúncias do <u>e</u> e do <u>o</u> como realmente são pronunciados. 6. Nada se corrige na transcrição do texto gravado.		

Fonte: (Adaptações Projeto NURC/SP) Prof. Dr. Pedro Caruso (UNESP/Assis).

Os dados transcritos e coletados das entrevistas com os informantes, em que consta o uso da variante linguística “para eu” e “para mim”, nos diferentes contextos linguísticos, foram tratados e analisados estatisticamente por meio de programa computacional e seus resultados são mostrados em gráficos para uma melhor visualização desse uso na língua portuguesa falada pelos informantes da região de Dourados-MS.

Vale ressaltar ainda que o índice de uso de cada uma das variantes foi expresso por meios das variáveis sociais já descritas anteriormente, que foram testadas para verificar e analisar o percentual de uso das refe-

ridas formas pronominais cujos resultados são apresentados em gráficos na terceira parte desse estudo.

A seguir relacionam-se e se descrevem as variáveis sociais e sua importância no processo de ensino de língua, no uso das formas pronominais e nos possíveis desvios linguísticos no uso das expressões “*para eu*” e “*para mim*”.

3.3. *A variável sexo do falante*

A escolha dessa variável se deu motivada pelo fato de que pesquisas realizadas na área dos estudos sociolinguísticos, como os de Paiva (2015), por exemplo, demonstram que existem diferenças significativas na fala de homens e de mulheres. A autora salienta que:

As diferenças linguísticas mais evidentes entre homens e mulheres se situam no plano lexical. Parece-nos natural admitir que determinadas palavras vão melhor na boca de um homem do que na boca de uma mulher. Nas sociedades ocidentais, as diferenças lexicais entre os sexos são menos acentuadas e tendem, progressivamente, ao esmaecimento. O que não impede, entretanto, que ainda possamos ouvir e utilizar expressões do tipo “não fica bem para uma garota falar desta forma”. Em outras sociedades, essas diferenças são bem marcadas, permitindo-nos mesmo falar na existência de um vocabulário masculino e de um vocabulário feminino. (PAIVA, 2015, p.69)

É importante destacar que, segundo Paiva (2015), em uma análise onde se correlacionam a variável sexo e o fenômeno linguístico objeto de nosso estudo, isto é, uso das formas pronominais *eu* e *mim* e suas variantes “*para eu*” e “*para mim*” e possíveis desvios linguísticos desses usos, é necessário fazer referência não só ao prestígio atribuído pela comunidade de fala às variantes linguísticas, mas também à forma de organização social dessa comunidade, considerando fatos histórico-culturais e linguísticos importantes no processo de formação da língua utilizada naquela comunidade de falantes.

Assim, Ceccarelli (2010, p. 283) ressalta que o sexo se trata de uma variável social muito importante para uma pesquisa de cunho sociolinguístico, pois “sabemos que homens e mulheres falam de maneiras distintas”, Bortoni-Ricardo (2004), por sua vez, salienta que é essencial para a pesquisa sociolinguística considerar a variável sexo do falante para testar o uso de um determinado fenômeno linguístico e sua importância no processo de ensino e aprendizagem de língua, seja materna ou estrangeira.

Partindo dessa perspectiva, a variável sexo foi testada com o objetivo de verificar de que forma homens e mulheres fazem uso da variável linguística “para eu” e “para mim”, se de forma semelhante ou se há divergência nesse uso. Caso haja diferença, mostrar quais são essas divergências e o porquê.

3.4. A variável faixa etária do falante

A idade do falante pode influenciar a fala da comunidade e da sociedade de modo geral, visto que a língua está em constante processo de transformação e, com isso, surge a necessidade de renovação do repertório linguístico e da criação de novos vocábulos para designar os novos referentes utilizados pela comunidade para expressar os fatos da língua. Assim, as pessoas mais velhas tendem à conservação, em sua fala, de vocábulos mais conservadores, porque têm menos contato com as mudanças e com as inovações que surgem todo momento na realidade ao seu entorno, do que as mais jovens (NARO, 2015; BUENO, 2003).

A variável faixa etária do falante é fundamental para ser testada em uma pesquisa de natureza sociolinguística que pretenda investigar a questão etária do grupo e da comunidade de fala, no sentido de mostrar que as mudanças linguísticas ocorrem gradativamente, portanto, o que se observa nesse estudo é se os falantes das três faixas etárias selecionadas utilizam a variável linguística “para eu” e “para mim” de forma diferenciada, tendo em vista a influência da idade no processo da comunicação linguística.

Sobre a importância de considerar a faixa etária, Naro (2015, p. 43), assevera que: “os falantes mais velhos costumam preservar as formas mais antigas ou de maior prestígio”, sendo mais ou menos conservadores no que tange à escolha das palavras ou de uma determinada expressão linguística em detrimento de outras.

Os informantes entrevistados para compor o *corpus* de pesquisa, compreendem as seguintes faixas etárias: de 18 a 23 anos, de 24 a 30 anos e informantes com idade acima de 31 anos, perfazendo um total de doze informantes, todos escolarizados e residentes na cidade de Dourados-MS e inseridos no ensino formal ou egressos de curso superior, buscando vagas no mercado de trabalho.

3.5. A variável nível de escolaridade do falante

A escolha da variável nível de escolaridade do falante se deu pelo fato de que, segundo Votre (2015), quanto maior for o nível de instrução maior as mudanças geradas na fala e na escrita das pessoas com frequência a escola e as mudanças discursivas na comunidade também são acentuadas em função do aprendizado oficial adquirido por esse falante.

Assim, observa-se de que maneira a escolaridade do falante influencia o uso de uma determinada variável, em nosso caso especial, no uso da variável linguística “*para eu*” e “*para mim*” em situação espontânea de comunicação linguística, como variantes dos pronomes pessoais sujeito *eu* e *mim* na fala dos nossos informantes.

De acordo com Votre (2015), para fazer uma análise precisa sobre a variável escolaridade dos falantes é fundamental entender algumas distinções dessa modalidade, levando em conta o contexto e o local em que ocorre a variação linguística. O autor ressalta ainda que não basta e não se pode considerar a variável escolaridade de forma generalizada, mas é necessário analisar alguns conceitos de modalidades da fala e enquadrar e avaliar o falante, levando em conta as dualidades: *forma de prestígio vs forma neutra*; fenômeno *estigmatizado vs não estigmatizado*; casos que são objetos do ensino escolar, além da distinção entre *língua escrita vs língua falada*, que vão contribuir significativamente para traçar o perfil escolar do falante.

A forma denominada de prestígio é aquela em que a comunicação ocorre em situações mais formais, em ambientes que exijam essa formalidade e é também a forma empregada nas escolas e nos meios de comunicação em geral. É a forma conhecida como elitizada ou padrão, ou seja, é a teoricamente considerada “correta” pelos defensores da gramática normativa. Quando se fala em ensino da gramática, parece ser este o foco, isto é, a instituição de normas que possam reger a forma de falar, tarefa que, na escola, geralmente, cabe aos professores de Língua Portuguesa.

Assim, convém ressaltar que existe em todas as línguas um padrão a ser seguido, isto é, uma forma norteadora de como se deve usar cada elemento do sistema linguístico e é esta a modalidade chamada de prestígio, em que tudo aquilo que foge a tais padrões é considerado inadequado (BAGNO, 2007).

A forma estigmatizada parece ser exatamente a que se opõe ao primeiro conceito, pois é nela que ocorrem usos que apresentam desvios

linguísticos, desvios estes que dão um tom de inferior e negativo ao fenômeno linguístico em questão, sendo vistos, por alguns teóricos, como a maneira “errada” de falar a língua. É importante lembrar que a forma estigmatizada não se dá, por descuido ou desinteresse, mas, muitas vezes, por fatores culturais, regionais, dificuldades fisiológicas que geram expressões diferentes, Bueno (2009) e por repetição acabam se fixando e sendo incluídas no vocabulário linguístico do sistema da língua.

Quanto aos fenômenos estudados e analisados na escola, percebe-se que há atenção especial voltada às ocorrências mais visíveis, casos de desvios aparentes e mais marcantes, como por exemplo, a troca de fonemas, como o // pelo /r/ (probrema ao invés de problema; crassificar por classificar), enquanto que ocorrências menos marcantes nem sempre são objeto de análise ou preocupação escolar. É o caso de alguma redundância ou desvio de concordâncias. Por fim, outra dicotomia muito importante e que merece atenção especial é a escrita e a fala.

A fala se refere ao discurso oral, caso em que as construções se dão de maneira mais espontâneas e menos despreocupadas, pois nem sempre o falante se atenta à observação de todas as normas para aplicá-las na fala num ato espontâneo de conversação.

Nas escolas, geralmente, se privilegia o ato de ler e escrever e, muitas vezes, não se dá atenção especial aos discursos livres e espontâneos em que o falante age de maneira natural e, certamente, se fosse reproduzir o mesmo discurso de maneira escrita se preocuparia e teria maior incidência do uso de regras e normas que conhece e sabe onde empregá-las no texto escrito, porém não se atém a elas no discurso oral espontâneo. Esta realidade é comprovada na própria composição do *corpus* desta pesquisa, pois ao transcrever literalmente, as entrevistas realizadas com os informantes, fica evidente o quanto diferimos nossos conhecimentos linguísticos nos atos da fala e da escrita. É surpreendente perceber o quanto o falante altera a sua maneira de usar a norma padrão e como varia o uso de uma modalidade para outra, de acordo com o contexto em que se encontra e das necessidades reais de comunicação.

Dessa forma, se considerarmos os vários tipos de variações, é possível entender as ocorrências dos fenômenos linguísticos na oralidade e traçar o perfil linguístico do falante. Vale lembrar que quando se trata, exclusivamente, do fator escolaridade, os falantes que apresentam um nível maior de escolaridade tendem a nivelar também o uso das regras e a ocorrência de desvio é menos acentuada, tanto para os homens como para as mulheres, confirmando a teoria de que a escola age como preserva-

dora das formas de prestígio diante das comunidades de fala. Segundo Votre (2015), conforme já afirmado anteriormente, as mulheres tendem a valorizar mais a forma de prestígio e a utilizam com maior frequência, fazendo com que a variável sexo prevaleça ao desconsiderar o nível escolar do falante.

4. Apresentação das análises dos dados e discussão dos resultados obtidos

O propósito dessa pesquisa é estudar o uso das formas pronominais pessoais *eu* e *mim* diante de preposições, acrescidas de verbos na sua forma infinitiva nas variantes “para eu” e “pra mim” no falar dos informantes douradenses selecionados para o estudo, se utilizando das variáveis sociais como sexo, idade e grau de escolaridade, tendo como sujeitos da pesquisa pessoas que estão cursando ou já cursaram o ensino superior e que pleiteiam uma vaga no mercado de trabalho. Pretende-se verificar se essas pessoas ao se comunicar utilizam as estruturas gramaticais prescritas pelas gramáticas normativas, uma vez que são falantes com nível médio e/ou superior de escolaridade e que sentem a necessidade de estreitar os laços entre as normas prescritivas, a língua na sua modalidade padrão, a linguagem popular falada e o seu distanciamento da modalidade padrão da língua portuguesa.

A seguir apresentam-se alguns resultados do uso das referidas formas linguísticas estudadas, de acordo com o sexo, a faixa etária e o nível de escolaridade dos falantes.

4.1. Resultados de uso, de acordo com a variável sexo do falante

Os dados analisados e apresentados por meio de gráficos nessa pesquisa foram coletados a partir de um roteiro com perguntas previamente estabelecidas, envolvendo o processo de conversação espontânea acerca do uso das formas pronominais *eu* e *mim* e suas variantes *para eu* e *para mim* na função de sujeito.

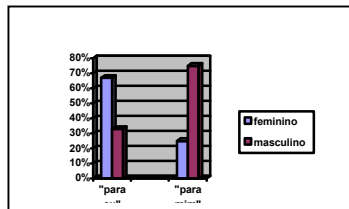
Ao optar pela variável sexo do falante nossa proposta era verificar as possíveis diferenças no falar de homens e mulheres, já que na maioria das vezes as mulheres são linguisticamente mais cobradas tanto no seio familiar como na sociedade, Monteiro (2000). Considerando essas cobranças sociais e os seus papéis muito bem marcados na sociedade, as mulheres agem de forma cautelosa, seja nos aspectos sociais ou linguísti-

cos, de forma que seu comportamento não destua daquele prescrito pela sociedade.

Assim, foi observado que, com relação ao sexo feminino, o índice de desvios linguísticos é menor do que aqueles acometidos pelos falantes do sexo masculino, o que já se esperava, considerando as variáveis descritas anteriormente. Entretanto, não se deve colocar em questão apenas a variável sexo, para efeito de análise, já que estão em pauta outras variáveis como idade, nível de escolaridade do falante e o contexto de uso da variável linguística em situação espontânea de conversação face a face (MARCUSCHI, 2006).

É possível observar, por meio dos dados e dos percentuais dos gráficos, a influência das variáveis estudadas no uso dos fenômenos linguísticos pesquisados, em que, de acordo com o sexo do falante, os percentuais de uso entre as mulheres foram menos expressivos que entre os homens, confirmando a hipótese inicial, de que as mulheres cuidam da linguagem ao fazer uso de uma determinada variante, até mesmo porque elas serão mais cobradas socialmente. Veja os percentuais do gráfico, a seguir.

Gráfico 1 – dados de “para eu” e “para mim” vs sexo do falante.



Os resultados do gráfico n. 1 evidenciam que a variável sexo influencia o falar espontâneo do falante. Considerando que estamos trabalhando com falantes homens e mulheres com formação média e superior, ou seja, com falantes que possuem um conhecimento mais aprofundado do sistema linguístico da língua e que, por tal razão, tomam mais cuidado com a linguagem ao falar, fazendo com que seu linguajar aproxime-se o quanto possível do padrão linguístico prescrito pelas gramáticas normativas com relação ao uso da língua na sua modalidade padrão.

Assim, de acordo com os dados do gráfico 1, pode-se inferir que as mulheres fizeram mais uso da forma “para eu” antes de verbo no infi-

nitivo, ou seja, a forma considerada padrão pela gramática normativa e menos da forma “*para mim*” com um percentual de uso 67% para a primeira forma, contrapondo-se ao uso pelos homens que foi de 33%.

O com relação ao uso “*para mim*” os percentuais foram os seguintes 75% na fala dos homens e 25% na fala das mulheres, o que mais uma vez vai ao encontro dos resultados de outras pesquisas sociolinguísticas que comprovam que as mulheres são mais cuidadosas ao fazerem uso da língua, aproximando a sua fala o mais próximo possível da língua padrão (VOTRE, 2015).

4.2. Resultados de uso, conforme a variável faixa etária do falante

Com relação à variável faixa etária do falante há que levar em conta o tempo aparente e tempo real, Tarallo (2007) ou as épocas na vida do ser humano, pois enquanto crianças somos espontâneos sem grandes preocupações com estudos e outros fatores que fazem parte da fase adulta de nossa vida.

A variável idade foi analisada em três fases distintas cujo propósito foi verificar se a idade pode influenciar o comportamento linguístico do falante no uso de um dado fenômeno da língua.

A primeira faixa etária contemplou jovens ingressantes em curso universitário, entre 18 e 23 anos, ainda sem grandes preocupações com profissão e responsabilidade familiares que normalmente não são alvos de preocupação de pessoas nessa faixa etária. A preocupação maior nessa fase é frequentar um curso superior de qualidade. À segunda fase, de 24 a 30 anos, pertencem jovens recém-formados, em busca de um emprego, concursos, vagas em seu ramo de formação e que estão na “luta” pela conquista de um espaço no mercado de trabalho. Quanto à última fase, temos os informantes com experiências em seu ramo de atuação, pessoas normalmente preocupadas também com a família, mais atentas às questões familiares e com uma visão mais objetiva do seu futuro e do futuro de sua família. Nessa fase com idade acima de 31 anos, o sujeito já está estabilizado no mercado de trabalho e já constituiu família.

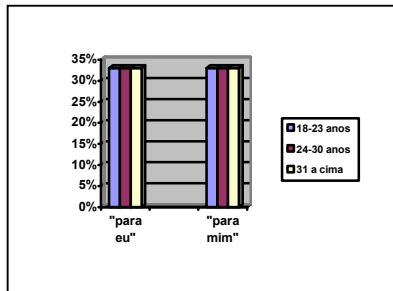
Como sabemos a idade pode interferir numa pesquisa de cunho sociolinguístico, pois em determinados pontos de nossa vida, pensamos e agimos conforme a situação em que nos encontramos, assim os mais jovens tendem a ter uma linguagem mais despreocupada em relação aos que estão com uma idade mais amadurecida e isto se dá pelo fato de que

existem fases em nossa vida que determinam nossa maneira de pensar, falar e agir.

Partindo, portanto, desse ponto de vista, não poderíamos deixar de testar, nesse estudo, a variável idade, pois sabemos que assim como nosso comportamento, a linguagem também difere nos vários momentos de nossa vida, pois com o decorrer dos anos passamos por experiências que nos deixam mais preparados profissionalmente, o que pode ser observado no jeito de falar de cada um, pois a língua é um fenômeno que não para no tempo, uma vez que ela é falada e praticada pelo falante que a utiliza para se comunicar, “mas é o indivíduo quem fala quem muda ou quem deixa de mudar sua maneira de falar” (MOLLICA; BRAGA, 2015, p. 82).

A variável idade não foi um fator relevante, pois vimos que o desvio estudado independe dessa variável. Essa informação pode ser confirmada no gráfico 2, que trata do uso da variável linguística com base na idade do informante.

Gráfico 2 – dados de “para eu” e “para mim” vs idade do falante.



O gráfico n. 2 mostra que a variável idade não trouxe alterações significativas para a pesquisa, evidenciando que os desvios linguísticos estudados independem da idade do falante, uma vez que os falantes entrevistados apresentam percentual semelhante de uso das formas em estudo, ou seja, o fato de o falante usar as formas pronominais “para eu” ou “para mim” independe da sua idade.

Assim, é possível inferir que independente da idade o falante dessa comunidade fará uso tanto da forma “para eu” como da forma “para mim” em seu falar espontâneo. Os percentuais de uso ficaram em torno dos 33% para os falantes das três faixas etárias.

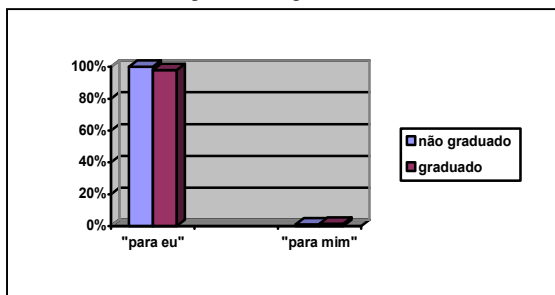
4.3. Resultados de uso da variável nível de escolaridade do falante

Quanto à variável nível de escolaridade do falante, foram entrevistados falantes não graduados e falantes graduados já inseridos ou pleiteando uma vaga de emprego no mercado de trabalho. Essa variante foi posta em questão por se tratar de realidades diferentes já que aqueles que se encontram nas universidades estão mais preocupados com o curso, tendo como objetivo a formação acadêmica, em que há mais preocupação com a conquista de um diploma.

Há também um segundo grupo, aqueles que estão saindo da universidade e à procura de um emprego, na busca de sua realização profissional, tendo assim uma maior preocupação com suas atitudes, com a maneira de se comunicar, visto que como formados são mais cobrados pela sociedade que espera de uma pessoa com curso superior um comportamento linguístico com uso padrão da língua portuguesa.

Ao testar essa variável escolaridade: não graduado e graduado, foi possível observar que pelo fato de os informantes serem graduados ou a caminho de uma graduação, quase não cometeram desvios linguísticos em sua fala, já que, todos tiveram a oportunidade de frequentar o ensino escolar formal se utilizando, na maioria das vezes, da forma padrão da língua portuguesa. Esse fato confirma que o processo de ensino é importante na vida dos falantes e faz com que tenham mais cuidado com a fala e a escrita utilizadas nas atividades cotidianas, isto é, os resultados e percentuais do gráfico 3, a seguir, mostram um uso discreto dos desvios linguísticos na fala dos entrevistados.

Gráfico 3 – dados de “para eu” e “para mim” vs escolaridade do falante.



O gráfico 3 apresenta totais e percentuais que confirmam o que já foi dito anteriormente, ou seja, os informantes, por estarem inseridos em um grupo de universitários ou recém-formados apresentam, de forma sutil, o uso de desvios da norma padrão da língua, com reação ao uso das formas pronominais em estudo, uma vez que, de acordo com Naro (2015), falantes com maior nível de escolaridade tendem a fazer mais uso de norma padrão da língua, fato que nos faz inferir que quanto mais estuda, maior a probabilidade de o falante fazer uso da norma padrão da língua.

Diante do exposto, pode-se inferir que esse pode ser visto como um aspecto positivo da pesquisa, em que a leitura, a aproximação com a cultura e com a língua, na sua modalidade escrita, pode auxiliar a maneira do falante se expressar e de fazer uso de normas prescritas nas gramáticas normativas da língua portuguesa.

5. Considerações finais

Diante da diversidade existente na língua falada no país, o falante pode comunicar e compreender independente da região em que se encontrem. Observa-se ainda que não existe falar “certo” e/ou “errado”, mas desvios linguísticos influenciados por fatores linguísticos e/ou sociais.

Nos dados das entrevistas foi possível observar que os desvios existem, porém não foram tão acentuados, dando margem a que tenhamos um resultado provável da influência do ensino na fala dos informantes selecionados para esse assunto.

Partimos de grupos como: sexo, idade e escolaridade do falante, em que foi observado que as variáveis idade e nível de escolaridade não exerceram tanta relevância no uso do fenômeno linguístico em estudo. Quanto ao sexo, esse, por sua vez, mostrou que no falar feminino há menos desvios no uso das formas pronominais “*para eu*” e “*para mim*” como variantes dos pronomes pessoais *eu* e *mim*, do que na fala dos homens, resultado já esperado pelo fato de que na maioria dos casos, a mulher tende a cuidar mais da sua fala que os homens, fato este corroborado com as pesquisas de Mollica e Braga (2015), Paiva (2015), Bueno (2003) e outros estudiosos da língua que verificam que as mulheres, ao falar, tendem a sua fala da modalidade padrão da língua, por diferentes fatores, inclusive, pelo fato de elas serem mais cobradas socialmente que os homens.

Assim, diante do exposto, com base nos dados analisados, verifica-se que a variável que mais exerceu influência na presente pesquisa foi o sexo do falante, e que não foram observados desvios acentuados, em relação às demais variáveis estudadas. Assim, observa-se que a variável nível de escolaridade também pode ser vista como um aspecto positivo na fala desses informantes, sobre o uso das formas pronominais “*para eu*” e “*para mim*”.

Os desvios encontrados só foram colhidos por meio dessas entrevistas quando o informante era submetido a perguntas que o remetiam à sua fase infantil, a assuntos familiares, a acontecimentos relacionados a risco de morte ou perigos já enfrentados pelos mesmos, fatos que o levam a lembranças ou fatos vividos que marcaram suas vidas. Isso não foi algo que surgiu de um acaso, mas uma atitude pensada, pois quando o falante relata sobre sua infância, sobre fatos marcantes de sua vida, não se preocupa com a maneira como fala, e sim, do que está a falar e a sentir com as recordações de passagens importantes de sua vida, de sua infância, de seus entes queridos.

Diante dos resultados elencados, é possível inferir que o ensino contribui de forma satisfatória para que os informantes não utilizassem os desvios linguísticos, com relação ao uso de “*para eu*” e “*para mim*” contribuindo para os resultados satisfatórios com relação ao emprego das formas pronominais em estudo, a saber: *eu* e *mim*, na função de sujeito, no português falado em Dourados-MS.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: Contexto, 1976.
- BAGNO, Marcos. *O preconceito linguístico, o que é, como se faz*. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2012.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.
- BUENO, Elza Sabino da Silva. *Nós a gente e o boia-fria: uma abordagem sociolinguística*. São Paulo: Arte e Ciência, 2003.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

BUENO, Elza Sabino da Silva. A monotongação do ditongo no português falado em Dourados. In: BUENO, Elza Sabino da Silva; SAMPALHO, Emílio Davi. *Estudos da linguagem e estudos de literatura*. Dourados: Ed. UEMS, 2009.

CAMACHO, Roberto Gomes. As variações linguísticas. In: *Subsídios à Proposta Curricular de Língua Portuguesa*. São Paulo, CENP/MEC, 1998.

CASTILHO, Ataliba. Variação da linguística e ensino da língua. In: *Subsídios à Proposta Curricular de Língua Portuguesa*. São Paulo, CENP/MEC, 1989.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 46. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

CECCARELLI, Paulo Roberto. *Psicanálise, sexo e gênero*: algumas reflexões. In: RIAL, Carmen; PEDRO, Joana Maria; FAVERO, Sílvia Maria Arend. (Org.). *Diversidades: dimensões de Gênero e Sexualidade*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2010, v. 1, p. 269-285.

FARACO, Luís Carlos. *Linguística histórica*. São Paulo: Parábola, 2005.

FONSECA, Maria Stella *et al.* *Sociolinguística*. São Paulo: Eldorado, 1974.

INFANTI, Ulisses *et al.* *Gramática contemporânea da língua portuguesa*. São Paulo: Scipione, 1997.

LABOV, William. *Modelos sociolinguísticos*. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Contexto, 2008.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. 3. ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LEMLE, Miriam. *Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1974.

MCCLERAY, Leand. *Sociolinguística – Curso de Letras – Libras*. Santa Catarina: UFSC, 2007.

MARCUSCHI, Luís Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão textual*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, Luís Antônio. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 2006.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luísa. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2015.

MONTEIRO, José Lemos. *Para Compreender Labov*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

NARO, Julius Anthony. Idade. In: UFRJ. MOLLICA, Maria Cecília e BRAGA, Maria Luísa (Orgs.). *Introdução à sociolinguística – o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2015.

PAIVA, Maria da Conceição. Sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília e BRAGA, Maria Luísa (Orgs.). *Introdução à sociolinguística – o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2015.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1989.

SIMKA, Sérgio. *É pra mim colocar crase ou não?* Uma análise crítica do emprego de para mim / para eu e do acento indicativo de crase. São Paulo: Musa, 2001.

SOARES, Magda. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. São Paulo: Contexto, 2017.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2007.

VOTRE, Sebastião. Escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília e BRAGA, Maria Luísa (Orgs.). *Introdução à sociolinguística – o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2015.